



Os riscos de cair em ciladas

Bem como não se pode ignorar a emergência da inteligência artificial nas escolas, especialistas alertam que não se pode negligenciar os riscos e os potenciais perigos apresentados por ela, sobretudo no contexto de sala de aula.

Um dos problemas mais frequentes relatados por professores são alunos que copiam os exercícios do ChatGPT. “Temos uma lista de discussão de professores de programação do mundo inteiro, e uma das questões levantadas por um educador foi que ele estava em pânico, pois tinha dado o primeiro teste on-line e não sabia o que fazer com tantas cópias do ChatGPT. A solução dada pelos outros professores foi voltar para o teste em papel. Parece que a única solução é isolar essas ferramentas para que os alunos não se sintam tentados a usar”, relatou Rodrigo Duran, doutor em ciências da computação e professor do Instituto Federal do Mato Grosso do Sul.

Outra questão é a veracidade da informação apresentada pelos chatbots. O sistema de programação da plataforma elabora uma resposta para uma pergunta de acordo com um conjunto de probabilidades. Ou seja, nem sempre a informação estará correta e, sem pensamento crítico para distinguir os dados corretos dos falsos, é provável que os alunos sejam “enganados” pelo algoritmo.

“A IA não foi treinada para te dar a verdade. Ela foi treinada para apresentar um texto que parece ter sido feito pelo humano. Nem sempre aquele texto é verdadeiro. Percebemos que, se os estudantes não têm essa expertise, esse pensamento crítico, eles aceitam o que vem naquela IA. Mais do que nunca, o pensamento crítico vai ser necessário”, continua Duran.

Felipe Figueiró, 17 anos, aluno do Colégio SEB Brasília, concorda. “É preciso saber filtrar o que se lê, porque, às vezes, existem novas inteligências artificiais que não foram criadas da maneira certa, e as pessoas acreditam em tudo o que acontece. No fim das contas, é preciso desenvolver o senso crítico.”

Apesar de preocupante, o ChatGPT, é o menor dos problemas que a inteligência artificial pode apresentar na educação, segundo Mariza Ferro, coordenadora da Comissão de Educação da Sociedade Brasileira de Computação (SBC). “Essa questão é algo que assusta, mas não é realmente o ponto. Uma das questões mais delicadas é a segurança e a privacidade de dados. Grande parte do que chamamos de inteligência artificial são modelos de aprendizado de

Prós x contras da IA em sala de aula

Prós

- » Ajuda os alunos a fazerem tarefas e trabalhos;
- » Personaliza o conteúdo de acordo com os interesses dos estudantes;
- » Proporciona feedback aos estudantes.

Contras

- » IA não é treinada para fornecer a verdade;
- » Dados podem ser manipulados de modo a induzir preconceitos;
- » Suprime a criatividade dos alunos.

máquina, e eles precisam de dados para serem treinados. Como será a privacidade de dados dos alunos?”, questiona.

A especialista ainda descreve que a maneira que esses dados são utilizados podem induzir julgamentos com base em preconceitos. “Por exemplo, em um processo seletivo, o recrutador vê qual é o candidato mais provável de evadir, levando em consideração fatores como bairro, etnia e classe social. Ele pode pedir para a IA ranquear os ‘mais prováveis’ a permanecerem no curso de acordo com esses critérios, e remover os outros candidatos baseando-se em um preconceito de classe e raça”, afirma.

Em busca de respostas

O futuro será tomado cada vez mais pela inteligência artificial, isso é fato. O que não se sabe, porém, é se IA é a heroína ou a vilã em sala de aula. Como define o professor Rodrigo Duran, ela seria uma “anti-heroína”, com potencial de utilização positiva, mas com um lado delicado a ser levado em consideração.

Embora existam questões polêmicas, os especialistas ouvidos pela reportagem concordaram que se faz necessário ensinar como utilizar a inteligência artificial em sala de aula. Assim como foi feito com o Google, que aos poucos se consolidou como ferramenta pedagógica, os profissionais da educação buscam maneiras de dialogar com a IA.

da escola. Um dos projetos para auxiliar nessa demanda chama-se Educ.AI e foi desenvolvido por Yasmin Feitosa, Giovana Dovich Costa e Augusto Silva, então alunos de engenharias elétrica e computacional na Universidade de São Paulo (USP).

O programa utiliza dados disponibilizados pelo governo federal para correlacionar a nota do Enem à infraestrutura da escola. “Pensamos como a infraestrutura da escola impacta na nota do Enem. O que impacta mais: ter um banheiro ou ter um ar-condicionado? Ou ainda um computador disponível? A partir dessa ideia, fizemos o modelo de machine learning que consiga auxiliar principalmente

as pessoas responsáveis pelas escolas, sobretudo escolas públicas, a gerir melhor os recursos financeiros, que são extremamente escassos no Brasil para educação”, explica Augusto Silva.

O projeto, apresentado na Brazil Conference at Harvard & MIT, no Massachusetts Institute of Technology (MIT), é utilizado por gestores brasileiros. “Descobrimos que a parte de gestão das escolas públicas é uma das coisas que mais dá dor de cabeça aos diretores, então vimos também a possibilidade de criar essa plataforma em que também supervisores e coordenadores possam entrar e ter questões facilitadas”, afirma Yasmin Feitosa.

